



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Venezuela

Hotel Tropical - Manaus, 15 de setembro de 2004

Meu caro amigo Hugo Chávez, presidente da República Bolivariana da Venezuela,

Meu caro governador do estado Eduardo Braga,

Meus caros amigos ministros da Venezuela,

Meus companheiros Ciro Gomes, Eduardo Campos, Alfredo Nascimento e José Dirceu, ministros do meu governo,

Deputados brasileiros que estão aqui,

Deputados venezuelanos,

Empresários brasileiros, empresários venezuelanos,

Meu querido Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores

Meu caro chanceler venezuelano,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu vou aproveitar esta oportunidade, para com um pouco de atraso, dar os parabéns ao povo da Venezuela, ao presidente Chávez, pelo sucesso da consolidação da democracia na Venezuela. Eu penso que, a partir do referendo, não pode mais haver dúvida em nenhum lugar do mundo, de que a Venezuela assumiu pela terceira vez, ainda no governo Chávez, a consolidação do processo democrático. Que ninguém coloque em dúvida a lisura de um processo sofrido, um processo, eu diria, espinhoso.

Quantas vezes encontrei com o presidente Chávez angustiado, quando poderia estar dedicando o tempo para coisas melhores. Ele estava preocupado com problemas políticos de pessoas que muitas vezes não queriam aceitar o processo democrático da Venezuela.



Eu quero dizer, companheiro Chávez, que para nós, no Brasil, e para mim pessoalmente, a tua vitória e a consolidação do referendo, são uma marca que não deixa dúvida em nenhum país do mundo de que na Venezuela existe uma verdadeira democracia e que tem um presidente que durante três vezes se submeteu... Eu quero Chávez, aproveitar para dizer aos empresários que estão, aqui, da Venezuela, que quando tem uma disputa dessa, depois do resultado, não existem vencidos nem vencedores.

Eu penso que depois de um resultado desse, os que não ganharam devem comemorar tanto quanto os que ganharam, porque o que vai ficar como marca definitiva é o grau de consciência política do povo da Venezuela, que não teve nenhuma dúvida de ir à urna para consolidar a democracia mais uma vez e referendar o Presidente da República que tem dedicado a sua vida em favor do povo pobre da Venezuela.

Por isso, meus parabéns ao presidente Chávez, meus parabéns ao povo da Venezuela, esperando que não precise mais fazer referendo ou fazer teste coisa nenhuma.

É para mim uma grande alegria estar em Manaus acompanhado do meu amigo Hugo Chávez, num período em que se realizam importantes eventos, que afetarão de forma positiva toda a região amazônica.

Eu tive uma reunião de chanceleres da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica, realizada ontem; a II Feira internacional da Amazônia que visitaremos hoje à tarde, e a este encontro empresarial Brasil-Venezuela.

Este é o 5º encontro realizado nos últimos 18 meses, o que demonstra a determinação de nossos empresários em impulsionar as relações econômicas comerciais. O entusiasmo e o pragmatismo refletido nas conclusões do encontro empresarial, assinalam de forma inequívoca a importância do papel de nossos governos no estímulo às ações do setor privado.

Está claro que devemos continuar aprofundando o processo de complementaridade entre a economia brasileira e a venezuelana, inclusive por



meio da celebração de parcerias estratégicas entre empresas.

Exemplos eloqüentes são as associações que se formam hoje entre a Companhia Vale do Rio Doce e a Corpozulia, entre a Lusa e a Fedeconstruccion e entre entidades como a Suframa e a Corporação Venezuelana da Guayana.

Estou seguro de que essas iniciativas contribuirão de forma importante para a geração de empregos e riqueza para os nossos povos. O momento atual, companheiro Chávez, nos dá esperança de que poderemos seguir fazendo muito em prol de nossos países. Se 2003 foi o ano marcado pela necessidade de superação de obstáculos, sobretudo na área econômica e comercial, vemos que 2004 vêm dando indicações seguras de um novo ciclo econômico nos nossos países.

Estamos com uma corrente de comércio que aponta para 2 bilhões de dólares, com possibilidade de expansão para algo próximo de 2 bilhões e meio de dólares em 2005.

Decisões políticas importantes como a associação da Venezuela ao Mercosul e os sinais de recuperação econômica que vemos em nossos países, dão alento às nossas aspirações de, finalmente, proporcionar melhores condições de vida para as nossas populações.

Devemos seguir colaborando para o estreitamento das relações entre os nossos empresários. É esse diálogo que permite que as ações dos dois governos tenham reflexos positivos para os setores produtivos.

Estou certo de que iniciativas de promoção comercial, como a macro rodada de negócios prevista para se realizar em Isla Margarita, em novembro próximo, são de grande utilidade para a consolidação do relacionamento econômico-comercial entre Venezuela e Brasil.

O programa de substituição competitiva de importações, que meu



governo lançou em 2003, constitui, sem dúvida, um novo paradigma nas relações comerciais do Brasil com a América do Sul. Trata-se de iniciativa verdadeiramente inédita, sobretudo em vista de originar-se de um país em desenvolvimento. Estamos decididos a revitalizar as correntes de comércio no continente Sul Americano.

Sabemos que a redução do desequilíbrio em nossas balanças comerciais é a chave do sucesso para a criação de um espaço econômico na América do Sul. A integração regional, que tanto desejamos, amigo Chávez, passa pelo aumento do fluxo de comércio entre os países da Amazônia.

Ontem, os chanceleres dos países amazônicos acordaram uma série de medidas que tornarão a nossa cooperação mais abrangente e informal. Hoje à tarde, estaremos participando da inauguração da II Feira Internacional da Amazônia. Queremos estimular o desenvolvimento social e econômico da Amazônia, promover a inserção internacional competitiva de seus produtos e serviços e viabilizar o aumento das exportações da região.

Prezados empresários brasileiros e venezuelanos. Reitero o meu decidido apoio à expansão do comércio bilateral. É este o objetivo político e econômico do meu governo, como estou certo, que é também do presidente Hugo Chávez.

Compete a vocês uma parte importante nesse processo de integração, que envolve nossas nações e se estende por toda a América do Sul e mais amplamente pela América Latina e Caribe. Portanto, quero dizer ao presidente Chávez que o pronunciamento do ministro Furlan toca num ponto crucial da integração da América do Sul e da integração da América Latina.

Não estou, como presidente da República, fazendo uma crítica evasiva à tecnocracia e à burocracia dos países da América do Sul, até porque todos os nossos técnicos trabalham com base em legislações existentes e normas definidas às vezes até historicamente, e eles apenas têm que cumprir aquilo que está escrito. Nós não podemos exigir, pela nossa pressa, que um técnico



burle uma norma vigente para tentar fazer a vontade de um presidente, mas nós, através dos nossos ministros de relações exteriores, através de nossos ministros em cada atividade nos nossos países, podemos detectar quais os entraves técnicos, legais, burocráticos, que temos em cada acordo que fazemos. E os dois presidentes devem sentar e tomar a posição de que, se for necessário, enviaremos ao Congresso de cada país as mudanças para que a gente possa, também, não apenas do ponto de vista tecnológico, não apenas do ponto de vista do crescimento industrial, mas também do ponto de vista da tecnocracia, fazermos, senão a 4ª revolução, pelo menos a 1ª ou a 2ª revolução da burocracia no nosso país.

Eu digo isso, meu caro amigo Chávez, porque eu estou há pouco mais de um ano e meio na Presidência da República. Tive a oportunidade de viajar por mais de 40 países nesses poucos 20 meses de governo e fizemos muitos acordos, muitos protocolos e, de repente, eu percebo que protocolos e acordos feitos, 10 anos antes de eu chegar à Presidência da República, não deixaram de ser um protocolo de intenções e não deixaram de ser um acordo.

Ora, nós não temos o direito de permitir que isso continue, porque acreditamos na integração política, na integração econômica e na integração social do nosso continente. Tenho dedicado grande parte das 24 horas do meu dia para tentar consolidar essa integração e às vezes temos problemas. Problemas no nosso banco de financiamento, que tem normas legais e exigências que é obrigado a cumprir e que nós precisamos tentar flexibilizar, porque nem sempre as pessoas podem ter todas as garantias que nós exigimos.

É preciso que haja na relação internacional as garantias, mas que haja também um pouco de definição de pensamento estratégico do que queremos e um pouco de confiança nos estados que representamos. Isso, eu penso que acontece também do lado da Venezuela; acontece do lado da Argentina, da Colômbia, do Peru. Então, os presidentes vão ter que, ao detectarem todos os



entraves, tomar uma decisão.

Não haverá integração se a gente não destravar a burocracia legal e quero dizer que não é culpa nossa. E ao mesmo tempo, Presidente, nos nossos países, temos uma atividade econômica que quer determinar a política do Estado e nós precisamos, muitas vezes, relativizar a pressão de um setor, e pensar no conjunto do setor produtivo de cada país, para ver o que pode produzir mais comércio, mais exportação, mais importação, mais conhecimento tecnológico. Porque, muitas vezes, a pressão de um setor, por menor que seja, faz com que o nosso Congresso ou os nossos governos demorem meses para tomar uma decisão sobre algo que poderia acontecer em uma semana ou em um mês.

Eu penso que esta reunião que estamos fazendo aqui, hoje, é um novo marco na relação entre Venezuela e Brasil. Eu quero dizer aos empresários brasileiros, e dizer de coração aberto, que fui muito criticado quando, há dois anos, elogiei o presidente Chávez e disse que era amigo dele. E se criou muita, muita coisa negativa contra o presidente Chávez. Eu quero dizer para vocês: não tenham medo de fazer parceria com os empresários venezuelanos; não tenham medo de investir na Venezuela, e tampouco os venezuelanos têm que ter medo de investir no Brasil ou fazer parcerias no Brasil.

Brasil e Venezuela têm uma oportunidade ímpar na história dos nossos países. Nunca tivemos um momento tão propício para consolidarmos, na prática, com projetos concretos, a teoria da integração política, comercial e cultural que durante séculos perpassou toda a América do Sul. As condições estão dadas, a bola não está apenas com o presidente Chávez ou com o presidente Lula. A bola está com todos nós, porque, afinal de contas, tal como no futebol, a atividade econômica é uma arte coletiva e temos que exercitá-la juntos.

Por isso boa sorte a todos vocês.